

Baker aceita acordo em separado

Washington — (Do enviado especial) - O secretário norte-americano do Tesouro, James Baker III, confirmou ontem a aceitação da proposta brasileira de renegociação com os bancos antes do acordo com o Fundo Monetário Internacional, ao admitir, após reunir-se com o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, que estas são “questões separadas”, umas das outras.

Indagado sobre a proposta brasileira, Baker disse que ela “merece ser considerada”, numa indicação que a atitude do governo americano diante da renegociação da dívida brasileira mudou substancialmente em relação ao encontro anterior do secretário do Tesouro com o ministro Bresser, no início do mês, quando o plano de conversão obrigatória para bônus foi mal recebida.

Desta vez, após encontrar-se com Bresser nas dependências da representação americana junto ao FMI, o secretário teve uma reação diferente, a começar por sua opinião sobre a reunião. “Foi um bom encontro” - declarou, ao sair, aos jornalistas. Além de assessores dos dois lados, participou também o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira.

A hipótese de o Brasil fazer um pagamento simbólico de juros antes do próximo dia 26, para evitar que seus créditos sejam reclassificados para baixo, não foi levantada durante o encontro entre o ministro e o se-

cretário. Bresser explicou que o fato de a reunião ter sido “muito cordial” não significa que o Baker concorda com tudo que está na proposta brasileira.

“Ele tem algumas dúvidas” - admitiu o ministro, sem entrar em detalhes. Os grupos de trabalho formados entre Brasil e o Comitê de Assessoramento dos bancos credores já se reuniram no fim de semana, devendo continuar os encontros até sexta-feira, quando haverá a segunda reunião formal entre os negociadores, em Nova Iorque.

“Ainda haverá um longo debate pela frente” - advertiu o ministro da Fazenda, antecipando que na sexta-feira os bancos credores devem colocar no-

vos pontos com os quais eles não concordam. A principal dificuldade, de acordo com fontes da área bancária, já não é o problema do acordo prévio com o FMI, que o Governo americano já admite dispensar, mas sim o volume de recursos a ser refinanciado.

Além de manifestações de outros devedores do mesmo nível do Brasil, que integram o Grupo dos 24, não surgiu até agora nenhuma indicação concreta de que os credores aceitarão a parte “não-convencional” da proposta brasileira, que é a conversão de parte da dívida em títulos. A aceitação desta inovação vai depender dos prazos e taxas a serem acertados, disseram fontes brasileiras.